CRIA CUERVOS

Você já se sentiu parte de um filme?

Aceder um monólogo incessante de como todo mundo adere parte de uma narrativa ou valoriza em si trejeitos de um personagem acaba por monopolizar a história; há maneiras óbvias de fazer com que se compreenda um protagonista — antagonista, secundário, arbusto... —, por vezes esta tentativa é válida interpondo o fictício e o real para que espectador rústico ou sentimental sinta-se na pele daquele que constrói uma odisseia em tela — não somente nesta, contudo, em diversas outras mídias, não importando o quão estáticas permaneçam —, logo da arte para vida criam-se personalidades: você se vê exatamente como Hércules cumprindo os seus desígnios, apaixona-se por pessoas que nem sequer existem e felizmente, não se sente sozinho neste mundo mesmo que agraciado por uma decisão em uma cultura distante, quem nunca, não é? Se sua resposta é “sim”, diga por si mesmo, pois posso rufar e repetir que eu nunca.

Agora o porquê é mais complicado; em saídas óbvias e fúteis, diriam que não atingi “autoconhecimento” necessário ou minha sensibilidade está zerada. Veja só: não resgato nenhum problema em compreender a dor de situações que jamais me colocaria, porém, não quer dizer que isto seja um exercício empático, apenas orquestro estes pontos mentalmente, assim não só aprendo com tal obra, também cresço com ela. Se por si só, já crio uma “situação” em fundir minha alma com este tipo de projeção, mesmo que de maneira ampla, já pode imaginar o que penso de “pessoas-resumo” que não usam este tipo de trajetória para adicionar um novo conhecimento para transgredir visões anteriores, reutilizando como arma para padronizar personalidades como um coletor de folhas: “todos já foram Summer ou Tom” do precário “500 Dias Com Ela”, “As Vantagens de Ser Invisível” é a obra mais sincera sobre a juventude ou “você está do lado de lá ou do de cá” de qualquer trama menos ambígua do que finge ser. Não, creio que a relação da primeira citação nem de longe representa uma porcentagem grandiosa dos relacionamentos, é uma possibilidade que pode se repetir, mas os contatos humanos são mais abrangentes que isto. Charlie embora comparado a mim por amigos não me apeteceu — nem na versão cinematográfica nem da literatura —, muito menos seus momentos vividos, diria que o item que mais chegou próximo de me retratar como jovem foi o livro e filme “Os Fantasmas e os Duendes da Morte” — embora difuso de minhas próprias crenças.

Agora retorne para a pergunta inicial do artigo, talvez reimagine ela bem melhor sabendo de tudo que desconsidero. Minhas percepções podem ser ínfimas mediante outrem com maiores aquisições acadêmicas, mas não deixam de ser sinceras, então respondendo minha própria questão, o que se aproximou deste feito dos últimos longas metragens que assisti foi sem dúvida “Cria Cuervos” de 1976, dirigido por Carlos Saura.

Poderia ser por carinho à obra, afinal quando eu e minha amada éramos considerados ainda “apenas bons amigos”, ela me mandou a cena das garotas dançando no quarto, fazendo com que desejasse replicação um dia, logo agora

como namorados e amantes, rever aquele trecho num contexto me fez cantar a música enquanto tamborilava meus dedos e ela repetindo a letra, caísse em lágrimas. Diria que sim, este por si já é um motivo suficiente, afinal ela é quem mais importa para mim, entretanto, vagar por esse roteiro me fez atingir uma memória ainda mais antiga e nada antiquada, afinal se não fizesse de si mesma presente, não haveria valor. A obra que por muitos considerada definitiva de Saura me lembra amplamente minha infância, não do modo como vivi naquela época, contudo, do modo como interpreto hoje estando me desenvolvendo na fase adulta.

Ana, a garotinha e guia por essa segunda infância sem esmeros, palpita trechos que soam mais recorrentes na vida palpável do que laborações passadas que ressenti, “Minha Vida de Cachorro” de 1985 — obra que infelizmente toma o ápice na carreira de Lasse Hallström, pois fora da Suécia não conseguiu gravar películas tão belas — pode apresentar um misto de estranha melancolia enquanto escolhe finalizar com esperança, mesmo após suas perdas, Ingemar parece disponível e estranhamente otimista para se atarefar com sua nova vida. “Kes” de 1969 toma medida inversa, Billy pode se maravilhar com o pássaro e ver seu entusiasmo compartilhado com colegas e o professor, contudo, sua existência ainda é essencialmente limitada pelo estado social e violentada pela incompreensão, terminando com a queda do símbolo ápice do discurso. Onde cabe esta história espanhola que se difere tanto destas demais? Diria que numa brecha física, entre ambos os DVD’s de ‘Hall’ e Loach; todo o período passado escolhe prostrar mitos da feliz inocência absoluta desta fase sem procrastinar para um melodrama, tendo como resultado algo memorável e sem dúvidas, intrínseco a ironia de uma vida morna.

Devo deixar de lado linhas que discorrem a autocracia, afinal não suficientemente estudado no tema e com horas dormidas em sala de aula — que me envergonho —, posso tocar apenas nos laços da camada mais visível para mim como público para não discorrer toscamente. Vejamos que “Cria Cuervos” inicia com esta visão esquisita, um pai morto em uma caraça amedrontadora, uma mulher fugindo do quarto e sua filha vendo-o falecido sobre a cama, inicialmente não parece atingida por isto, retorna para cozinha onde vemos pela primeira vez a sua figura materna, que pessoalmente pareceu pesarosa enquanto questionava o despertar da garota em uma aparente bronca, porém, quando se desfaz num sorriso, abraçamos um certo carinho por aquela mulher. De fato, essa primeira sequência brinca com nosso imaginário, pois adiante descobriríamos que se passam em períodos diferentes de tempo, tornando a trama labiríntica ou em outro caso, fazem parte de seu imaginário e lembrança, afinal sua mãe já era falecida neste momento; embora não seja exclusivamente narrado por Ana, ela dá traço duvidoso para o percurso, não por mentir e sim por vagar em uma atitude quase exclusivamente pueril, ainda que não tenhamos monólogos articulados pela atriz mirim, exceto por sua persona mais velha interpretada pela mesma face de sua mãe — Geraldine Chaplin neste longa parece muito com Torrent atualmente.

CRIA CUERVOS

A retomada das três crianças para cuidados é presente por sua tia, embora em primeira instância pareça grosseira devido críticas recorrentes contra suas novas inquilinas, exprime uma persona honesta no decorrer dos minutos, não preenchendo todos os desejos no papel de tutora numa olhada rápida, mas não deixa elas ao relento, sendo que como principal artifício para refletir este ponto é quando as irmãs guiadas pela mais velha usam suas maquiagens e roupas com brincadeiras teatralizadas, quando a responsável vê aquilo, não há gritos ou histerias, somente pedindo-lhes que não repitam o ato, entretanto, enfrenta como uma traquinagem infantil; poderia até assentir que algo negativo se dá quando desfere um tapa no rosto da pequena na cena que descobre o fato dela empunhar uma pistola carregada, mesmo não tendo noção de como atirar ou sequer aproximando o dedo do gatilho, isto fez minha amada entrar em sensibilidade e compaixão, portanto embora que atitude seja impensada, não é de causar o mesmo repúdio que ações do bispo na minissérie “Fanny e Alexander”, há portanto uma dualidade nas cenas que ela está presente. Mesmo que a protagonista a deseje morta — enquanto repete falas ditas por sua própria mãe —, não há uma negação tão brusca deste pertence por parte de nós enquanto espectadores (ou há?).

Participo do filme não só como presente nas admirações e saltos temporais, instauro uma ponte em comum nas cenas mais diárias, como a brincadeira de esconde-esconde com suas irmãs na frente de uma construção quase familiar — talvez rememorando o dia que com meu primo e um de seus vizinhos numa zona rural da cidade, corremos com seus carrinhos pelos corredores de uma casa enorme onde costumava morar a falecida avó do garoto que até então desconhecia, agora sozinha no tempo — e principalmente, a finalização deste ato, quando encontra ambas meninas sem se mover, diferindo da minha versão local do mesmo jogo, parece terminar com uma oração tristonha, entretanto, regada a inocência. Destitui como fase de uma permanência incômoda, logo que mesmo nesses momentos de alegria, há os traços que deixados pela experiência quase como sintomas: elas podem seguir em frente, jamais deixarem a vida que continham para trás. A mais velha não parece atingida, encarando a situação com respeito, a menor não tem noção do espaço que a rodeia, centrando assim na do meio, pois quem poderia culpá-la por uma infância afoita? Assim testemunhamos falas ditas tidas como mentiras, que jamais saberemos se ocorreram de fato, possivelmente projeção de nossas próprias memórias destes tempos, manchadas com cores que podem ou não ter estado lá.

Pelo que para mim é incompreensível seria o próprio título, “Cria Cuervos”, difundido do ditado “Crie corvos e eles lhe arrancarão os olhos!” — obrigado Richard Pena —, pela própria visibilidade de onde poderia atribuir esta pronúncia, em qual personagem melhor se adequaria este conhecimento popular? Provavelmente em todos. Seria Ana passível disto? Encaixando melhor no final, onde ela com seu veneno mortal — “uma só colher mataria um elefante”, diz para a idosa debilitada na cadeira de rodas — tenta assassinar sua responsável, descobrindo afinal que produto tão tóxico era fruto de sua candidez, quando no outro dia ela a acorda no fim de suas férias para um dia de escola; se eu mesmo dirigisse, deixaria um gigantesco elipse, mas creio que dúvidas

demais foram geradas no decorrer da trama, além de que a cena que encerra mostrando o retorno ao cotidiano fecha muito bem. Provavelmente ela, a criança, seria uma vítima destas próprias aves, pois demonstra enorme sinceridade — se esta for decorrente de suas próprias crenças —, sendo atenciosa e dialogando com a senhora que não consegue falar uma só palavra, dedicando sua comunicação para movimentos de cabeça, entretanto, com memórias dos tempos bons com sua progenitora. Não se esqueça: todos ali são apenas humanos, com gaiolas e penas pretas grudadas nas roupas. As irmãs. A tia. A mãe. O pai. A empregada. Todos.

Esta obra mor que destituiu o lugar de “March Comes In Like a Lion” de 1991 — primeiro longa que legendei, sem maiores ambições — na minha lista de favoritos do Letterboxd, permanece como já dito, não um retrato quadro a quadro da juventude que vivi ou sentimentos que compartilhei, isto seria sucinto de forma antagônica na minha autorreflexão, mas cria espaço — e corvos — entre o modo como minha visão se dá pela janela, de todas estas coisas que por uma vez pareciam apenas uma novidade sem riscos para uma mancha pensativa até no ponto que envelheceremos e se tornará uma lembrança ritualística do que passamos para maturidade: os dedos no piano, os seios da empregada e escapadas do pai. Seria mesmo que os corvos que alimentamos são nossos mesmos ou aprisionamos quando provém da própria natureza? Nem só por isso ficamos imunes aos seus sons histéricos; a mãe adoecida passa suas próprias estruturas para a filha, do amor para assisti-lo definhar, criando esta camada que pode ser observada quando a responsável lhe diz: “não posso te dar carinho se não o aceitar”. É uma enorme jornada para pluralizar compreensões antes que estas se tornem febris.

Vendo todos os personagens voltarem para suas vidas longe das câmeras com uma única passagem futura no centro da película, não me senti lesado pelas inconsistências das benesses do passado para o presente, dediquei-me a usar isto na compreensão das raízes e curandeiros; é fantástico pois, mostra que o cinema prioriza seu poder longe de telas comerciais, não querendo discursar das principais diferenças ou tornar isto uma fala elitista repleta de pedantismo, somente memorando o prazer dedicado. De modo claro, me lembrou tanta coisa sobre mim mesmo não por discursar sobre a “mim”, sobre você, outrem ou personalidades que tomam cena; “Cria Cuervos” é sobretudo uma obra que expande noções de mundo, principalmente minha, morador assíduo desta terra por minha vida toda.

F. R.